

REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA DO PÁTIO DA ESCOLA ESTADUAL CAMILA PONTES

Adriano Fernandes Faria¹
Clarissa Ramos Pereira
Daniela Gonçalves Duarte
Danielle Cristina Gomes Corrêa

Resumo

Nesta pesquisa foi realizada uma análise do espaço da Escola Estadual Camila Pontes², localizada na cidade de Belo Horizonte. Com a finalidade de preservar sua identidade, criou-se um nome fictício para a instituição. O objetivo principal da pesquisa foi de conhecer a forma como alunos, professores e funcionários os apropriam e produzem os espaços escolares. Tal análise se deu, pois, por diversas vezes associamos a produção de um espaço estritamente ao uso que lhe é delegado. Entretanto, com os resultados, é possível perceber que a produção do espaço escolar não se dá apenas de acordo com a sua função institucionalizada, mas também com as reais necessidades de todos os indivíduos que a compõem. As transgressões das regras institucionalizadas de uso dos espaços devem ser melhor estudadas para que se compreenda os movimentos dos nosso alunos e da nossa sociedade.

Palavras-chave: Espaço. Escola. Território. Lugar.

Abstract

In this research an analysis of school Camila Pontes, located in the city of Belo Horizonte space was performed. In order to preserve their identity, created a fictitious name for the institution. The main objective of the research was to know how students, faculty and staff and produce appropriating the school spaces. This analysis was done because several times we associate the

¹ Graduandos do Curso de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

² Pesquisa realizada no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), cujo nome da Instituição Escola Estadual Camila Pontes é fictício.

production of a space strictly to the use that is delegated. However, with the results, you can see that the production of school space does not only according to its institutionalized function, but also with the real needs of all the individuals who compose it. The transgressions of the rules institutionalized use of space should be better studied to understand that the movements of our students and our society.

Key words: Space. School. Territory. Place.

1 INTRODUÇÃO

A análise de qualquer espaço deve ser realizada considerando o movimento do mesmo, pois o espaço é dinâmico e deve ser interpretado. Para isso fez-se necessário estudar a produção do espaço escolar enquanto espaço de aprendizagem, e os usos e contra-usos desses espaços. Infere-se a análise de Santos (1994):

[...] O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que os separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da sociedade. (SANTOS, 1994, p. 72)

Através da análise dos espaços é possível conhecer os sujeitos e os processos que nele atuam. O espaço diz sobre a sociedade, uma vez que não existe espaço sem indivíduos e nem indivíduos sem espaço. O espaço é o objeto de estudo da ciência geográfica, no entanto a mesma tem um meio de conhecer a produção dos espaços.

A escola por sua vez, não é um todo homogêneo. Cada espaço de suas dependências, tais como as salas de aula, as quadras, os pátios, entre outros, possuem uma diferente forma de organização e produção do espaço que se dão de acordo com os interesses daqueles que os frequentam.

Sendo a escola dotada de espaços institucionalizados, cada um de seus espaços possui uma função instituída. Entretanto, os indivíduos que produzem estes espaços, nem sempre obedecem a seu uso institucional, gerando conflitos.

O espaço a ser analisado é o pátio, que permite que se quebrem os paradigmas sobre a apropriação das dependências da escola que comumente são associadas estritamente à sua função.

A hipótese deste trabalho é que os alunos e funcionários da escola se apropriam dos espaços escolares e os produzem de acordo com suas necessidades podendo, ou não, obedecer à função instituída.

Este artigo objetivou trabalhar com a escola em seu próprio contexto, buscando entender as diferentes interações sociais que ocorrem no pátio da escola e que muitas vezes são consideradas como contra-usos, ou seja, usos diferenciados dos que são institucionalizados.

A escola escolhida é a Escola Estadual Camila Pontes, localizada em Belo Horizonte, nome dado foi criado pelos componentes do grupo, portanto é fictício, com o intuito de preservar a identidade da escola.

Os espaços foram analisados com base no referencial teórico de Milton Santos (1985), de acordo com sua teoria de forma, função, estrutura e processo. Além da teoria de Milton Santos, buscamos como referencial as categorias de análise da Geografia, território e lugar, baseados nas teorias de Carlos (2007) e Souza (2001).

Após a definição do espaço a ser analisado, houve a observação de campo e coleta de dados onde foram utilizados recursos como: fotografias, filmagens de grupos focais e de relatos individuais com o objetivo de avaliar e analisar as expectativas e formas de uso a apropriações dos alunos nos espaços escolares.

2 O ESPAÇO ENQUANTO OBJETO DE ESTUDO

Para uma análise das relações sociais que se estabelecem em diferentes âmbitos de organização, sejam eles uma escola, uma rua ou uma cidade, é essencial que se compreenda e utilize dos conceitos do espaço e de sua produção estudados pela Geografia enquanto objeto desta ciência.

O Espaço é um complexo dialético que se originou e origina em relações e interações humanas com o meio natural. Concomitantemente com o estabelecimento de regras, demarcação, lei, política, cultura, economia, dentre outras formas organizacionais de se viver, criadas pelo homem e incorporadas

ao meio natural.

Segundo Milton Santos (2002, p.64) “O espaço é entendido como um conjunto de sistemas de objetos e de sistemas de ações“. E, assim, no espaço se reúnem materialidade e ação humana.

Desse modo, foram estabelecidas as primeiras modificações e interações humanas com meio natural, no qual, surgiram gradativamente as relações de poder, sociedade e cultura e esses laços formaram as características espaciais. Em consequência aumentou-se a complexidade das relações espaciais.

Sendo assim pode-se dizer que as características do espaço foram adquiridas a partir dos processos históricos, dos encontros e desencontros, dos conflitos e das decisões, da negação e aceitação, dos diversos tipos de pensamentos, discursões e ações.

De acordo com Santos (1985), o espaço é caracterizado como a união da paisagem (significante, objetos reais concretos) mais as interações dela com a estrutura (pode ser: econômica e produtiva), função (significado e sentido) e processo (o tempo de ocorrência das ações e das marcas deixadas por elas). Acrescentando, que o Espaço é a interação entre os fluxos e os fixos e a indissociabilidade dos mesmos na dinâmica espacial. Os fluxos, a partir da ação indireta ou direta atravessam ou se instalam nos fixos, modificando o seu significado e o seu valor, ao mesmo tempo, em que, também se modificam.

A resignificação espacial, parte da premissa das influências diretas e indiretas do meio das técnicas no meio natural. De fato, existe um grande movimento de ações³ dentro do Espaço. Desse modo, todos os objetos⁴, possuem uma funcionalidade nessa dinâmica. Juntamente com esse processo, ocorre a substituição das coisas. Assim, na contemporaneidade, pode ser observado este fato com maior clareza, como nos processos de ocupação e

³ A ação é um processo, mas um processo dotado de propósito, segundo Morgenstern (1960), e no qual um agente, mudando alguma coisa, muda a si mesmo, Esses dois movimentos são concomitantes. Trata-se, aliás, de uma das ideias de base ou Marx e Engels. Quando, através do trabalho, o homem exerce ação sobre a natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica a natureza externa. (MORGENSTEM apud SANTOS, 2002, p.78).

⁴ Há quem distinga os objetos das coisas, estas sendo o produto de uma elaboração natural, enquanto os objetos seriam o produto de uma elaboração social. As coisas seriam um dom da natureza e os objetos um resultado do trabalho. No seu famoso livro *Viedes Formes* (1943, 1981) Henri Focillon diz que as coisas – formas naturais- são obras de Deus, enquanto os objetos – formas artificiais – são obras dos homens. (FOCILLON apud SANTOS, 2002, p.64).

inter-relações sociais que existem dentro do Espaço. Isso pode ser observado em um trecho do livro de Santos (2009).

[...] Voltemos, porém, à classificação mais intuitiva entre objetos e coisas, para lembrar que, hoje, e cada vez mais, os objetos tomam o lugar das coisas. No princípio, tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de interações sociais, passam, também, a ser objetos. Assim a natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos e não mais de coisas e, ironicamente, é o próprio movimento ecológico que completa o processo de desnaturalização da natureza, dando a esta última um valor. (SANTOS, 2009, p. 53).

Carlos (1994) a partir da contribuição teórica de Henri Lefebvre, relaciona o espaço a uma constante dialética. Para compreender a categoria espaço, a autora menciona o processo de produção, produto e reprodução. A produção ocorre nos processos de relações sociais e históricas em que o homem é visto como sujeito. Ela se estabelece no momento em que, a sociedade se projeta no Espaço, gerando um produto dessa projeção, que é feita pela ação humana. Nesse processo, novos espaços são produzidos, novas relações sociais são espacializadas. Gerando produtos espaciais característicos ao tempo em que foram criados. E já a reprodução ocorre quando em uma nova fase histórica os objetos que antes eram modernos, são substituídos pelos novos ou, até mesmo, readaptados ao novo processo de produção.

[...] O trabalho é entendido aqui como a mediação necessária da relação homem-natureza, na qual o espaço geográfico aparece como um produto histórico e social, onde o homem é o sujeito; ele não se relaciona com o espaço, mas o produz, à sua imagem e semelhança, e neste sentido o espaço, num momento histórico determinado, será produto e condição do processo de reprodução da sociedade. (CARLOS, 1994, p. 23)

Deve ser acrescentado que Carlos (1994) deixa claro que produção, produto e reprodução, são inseparáveis na dinâmica do Espaço. Um não existe sem o outro. A autora destaca:

[...] a evolução da noção de espaço organizado para espaço produzido envolve uma redefinição, como já dissemos, do modo de entender o homem, partindo do fato de que não existe a espécie humana separada da realidade exterior, como coisa dissociada. O homem é parte integrante da realidade, ao

mesmo tempo que seu produtor. Por outro lado, é necessário levar em conta que esse processo vital tem como ponto de partida a necessidade de reprodução da vida e, conseqüentemente, da espécie. Aqui a produção do espaço aparece como reprodução da existência humana.[...]É possível detectar as leis gerais do processo de produção espacial a partir da análise de uma determinada parcela, desde que este leve em conta a relação com a totalidade, Esta ideia apoia-se numa visão determinada de realidade, na qual os fenômenos só têm sentido quando analisados a função do todo ao qual pertencem. (CARLOS 1994, ps.23, 39)

Carlos (1994), afirma ainda, que no sistema capitalista o processo de reprodução traz em si a criação de um novo homem. Esta produção será analisada através da mediação da máquina que determinará a vida pelos ciclos da indústria [...]. Desse modo, o trabalho humano, tanto nos primórdios, quanto na atualidade, essa relacionada ao trabalho voltado para a máquina e para técnica. E até mesmo as outras formas de produção, não necessariamente interpretadas como trabalho em seu sentido marxista, mas sim como forma funcional de produção e do sentido laboral de subsistência, como no passado. Estabelecem no meio natural, marcas adaptativas de maiores e menores escalas que fazem da interação entre homem/natureza, a caracterização e formação do espaço em seu sentido de produção, produto e reprodução.

A partir da teoria de Milton Santos (1985) o espaço pode ser analisado a partir de vários focos, tanto os globais, como os locais, que denomina o espaço como o conjunto adjetivado por: estrutura, processo, forma e função. Essas caracterizações estão presentes em todos os locais que possuem uma estrutura, um processo histórico, uma funcionalidade e também uma forma, interpretada como a paisagem.

Na perspectiva da Escola Estadual Camila Pontes por se tratar de uma escola que foi construída pra ser uma penitenciária, ou seja, sua função não foi exercida devido movimentos sociais que negaram essa institucionalidade. No entanto pode-se dizer que sua forma não está atendendo a função que deveria.

2.1 A categoria de análise Território

Encontra-se entre as categorias de análise do espaço, o território.

Compreender tal categoria é essencial para a análise da produção dos espaços sejam eles uma cidade inteira unida por uma estrutura governamental, seja um pequeno grupo de indivíduos que, através de sua interação, entre si, e com o espaço geográfico, formam territórios dentro dos quais são expressas a influência e o poder desses grupos socialmente organizados. Nesse sentido, Santos (1994, p. 78) já dizia que o território “[...] significa objetos, ações e a constituição de redes, podendo ser compreendido como sinônimo de espaço geográfico socialmente organizado [...]”.

De acordo com Costa e Rocha (2010) a Geografia Clássica, baseada no pensamento Ratzeliano, entendia que o território era uma categoria de exclusividade do Estado, o qual seria o único a exercer relação de poder na dimensão política, sendo as condições físicas do ambiente um dos principais fatores de determinação do território. Porém, iremos abordar aqui um conceito de território nos moldes da atualidade, com base na Geografia Marxista, do qual pode ser evidenciada a seguir uma das maneiras de pensar sobre a categoria

[...] Santos (2005) compreende sob a perspectiva do uso. Para o autor o território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Deve ser compreendido como uma totalidade que vai do global ao local. Em sua análise argumenta que o território em si não é um conceito, ele só se torna um conceito quando o consideramos na perspectiva do seu uso. Tal entendimento é demasiadamente importante, visto que tem como preocupação principal a ação e a utilização desempenhada pelos seres humanos na produção do espaço.[...] (SANTOS apud COSTA; ROCHA, 2010, p. 46)

Assim, entende-se o território sob a perspectiva do uso que se materializa em nível do indivíduo no lugar que se apropria de um determinado espaço. Partindo desta ideia, os territórios formados pelas interações sócio espaciais, dependendo de sua natureza podem ser institucionalizados ou não. A relação de indivíduos que guardam similaridades étnicas e culturais entre si, por exemplo, pode formar um território nacional que será institucionalizado sob o comando de um governo. Outros territórios, entretanto, como aqueles formados pela interação de alunos em determinado espaço escolar, por vezes não passam por uma institucionalização. Contudo, podem ser percebidos e identificados pelas fronteiras que dificultam a inserção de indivíduos que não

pertençam às relações que produzem aquele espaço.

A partir da ideia de espaço, pode-se observar formações de grupos, nos quais existe um padrão de comportamento a ser seguido e através disso é estabelecido dentro do meio social, e até mesmo espacial, parâmetros para ocupação ou pertencimento de um dado grupo em uma área.

As fronteiras são os limites que determinam a influência dos grupos sociais que produzem determinado espaço formador de territórios. Elas constituem significativos espaços de interação, pois são elas que põem dois territórios produzidos de forma diferente, em contato.

No processo de enraizamento dos costumes, normas, atitudes, culturas, ocorre a espacialização e fixação dos mesmos no meio ocupado. Assim, é o início de um processo que no decorrer da trajetória é necessário para manter a ordem. Com isso, a identificação com a área se torna tão forte que surge a necessidade de um centro de poder para que sejam mantidas as características e propriedades de cada grupo sem a interferência de outros que venham ocupar o espaço ou modificar a sua organização.

Essa consolidação e centralização do poder e o sentimento de pertencimento de uma área, e a determinação de limites, normas e fronteiras fazem parte do processo de territorialização do espaço. Pode ser acrescentado a essa denominação a característica que Friedrich Ratzel oferece sobre o território em sua obra *Politische Geographie* (1974):

O Estado não é, para nós, um organismo meramente porque ele representa uma união do povo vivo com o solo [Boden] imóvel, mas porque essa união se consolida tão intensamente através de interação que ambos se tornam um só e não podem mais ser pensados separadamente sem que a vida venha a se evadir. (RATZEL apud SOUZA, 2001, p. 85).

Se considerarmos territórios institucionalizados, como os países, perceberemos que as fronteiras exercem uma função de segurança e de influência. Todas as leis, instituídas por um território nacional, por exemplo, valem dentro de suas fronteiras. Ao cruzá-las, nos deparamos com outro conjunto de leis que foram instituídas de acordo com as necessidades da sociedade que produz o espaço de outro território.

Sendo assim, a fronteira se faz o lugar da transição, do contato de duas

experiências de organização territorial diferente que podem ou não ser conflituosas. Os conflitos também podem se dar quando o espaço vital ⁵ de um território demandar expansão de suas fronteiras. Para que essas fronteiras se expandem, as dos territórios vizinhos deverão se encolher.

Da mesma forma, os territórios não institucionalizados, tais como os formados pela organização sócioespacial de alunos em suas escolas, possuem fronteiras que podem gerar conflitos. O modo de falar, as roupas usadas (entre outros) por determinados grupos de alunos é que irá determinar as leis, costumes, de cada território ocupado pelos mesmo no pátio da escola.

Levando-se em consideração a dinâmica do espaço, sendo ele produto e produtor de novas interações sociais em constante movimento e sendo o território uma das categorias de análise do espaço, é possível dizer que os territórios também estão em movimento estando sensíveis às constantes transformações da sociedade no espaço e no tempo.

Sendo o território produto destas relações sociais em movimento, é possível inferir que diferentes territórios se formam e se desfaz sobre a mesma porção de espaço geográfico, com periodicidade ou não. Esse movimento é definido de acordo com as demandas dos grupos sociais que produzem o espaço. A esse fenômeno damos o nome de territorialidade.

Nesse sentido, Souza (2001) aponta que as territorialidades podem ser classificadas como cíclicas ou móveis. Entende-se por territorialidade cíclica aquela que se faz e se desfaz ao longo de determinado período, como um dia, com certa periodicidade. Um mesmo espaço geográfico pode ser palco de diferentes territorialidades cíclicas sem haver conflito entre elas. Em uma escola, normalmente há três turnos de aulas com a mesma sala sendo usada por três turmas diferentes. Cada turma forma uma territorialidade. Como há um revezamento de turmas ao longo do dia, fazendo com que uma não se encontre com a outra nessa mesma sala, pode-se dizer que as turmas formam uma territorialidade cíclica. Marques (2011) utiliza Souza como referência para a denominação de territorialidade cíclica:

⁵ GAMINI (2003) pontua que o espaço vital é um conceito criado por Friedrich Ratzel (1897) para referenciar o Estado, embora não se limita às necessidades do Estado, mas a qualquer grupo que deseja o completo poder de uma porção de espaço em domínio de outra, e usam deste artifício para expandir seus domínios e aumentar suas fronteiras.

Souza (2000, p. 87-96) estabelece subtipos de territorialidades a partir de casos comentados. Trata de uma “territorialidade cíclica” ao referir-se a situações em que ocorre alternância temporal habitual, como o usos diurno e noturno de um mesmo espaço por exemplo. Apresenta um “território com temporalidade bem definida” quando ocorre a apropriação de um espaço por certo grupo em momentos específicos. (MARQUES, 2011, p.7)

Por outro lado, as territorialidades móveis são [...] aqueles [sic] dos quais os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto [...] (SOUZA, 2001, p. 88). Dessa forma, é a apropriação de diferentes grupos em locais fronteiriços que estão em conflitos diretos tendendo a disputas e conseqüentemente conflitos entre os grupos sociais. Partindo da escola como exemplo, tomemos o caso de uma turma de Educação Física que, dividida em dois grupos de alunos, cada grupo ocupa uma metade da quadra. É possível que ocorra a invasão de alguns alunos na parte no grupo alheio. Tal invasão pode até mesmo ser uma estratégia de se criar atrito com o propósito de conquistar a porção de quadra do grupo alheio, expandindo assim, o seu próprio território de esporte. Assim o grupo de alunos tende a mover-se por sobre outras partes da quadra apropriando-se e buscando conquistar mais espaço.

O autor Roberto Lobato Corrêa (2011) classifica o espaço, a partir de uma escala espacial que se materializa no contexto das dimensões das ações sociais dentro do espaço. Lobato diz que a escala espacial varia de região e tamanho, assim como na escala Cartográfica.

[...] Âmbitos ou escalas espaciais, parafraseando Berque (1998), são marcas e matrizes da ação do homem inseridos em sua complexa espacialidade, que envolve distintos propósitos, meios e sentidos. Pode-se falar em escolaridade, parte integrante da espacialidade humana, a qual, por outro lado, é dotado de uma temporalidade, no bojo da qual se definem e se redefinem as escalas espaciais da ação humana.[...] (CORRÊA, 2011, p.41-42).

Os fenômenos, relações sociais e práticas espaciais mudam ao se alterar a escala espacial da ação humana, assim como se altera sua representação cartográfica. Uma implicação desta assertiva reside na necessidade de se construir conceitos que possibilitem a incorporação da escala em sua construção. Seriam conceitos escalonadamente definidos.

Corrêa (2011) fez uma analogia entre o processo de (re) produção do

espaço e as transformações que ocorreram no mundo após a Segunda Guerra Mundial, demonstrando a mudança da escala espacial a partir das ações sociais que em suas interações foram capazes de adaptar um meio as novas exigências sociais. Indicando assim a dinâmica do espaço.

[...]As multifuncionais e multilocalizadas corporações globais, que emergiam do processo de concentração-centralização do capital, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, atuam decisivamente na (re) produção e transformação do espaço, fazendo isso em diversas escalas espaciais (local, regional, nacional, global). Mais ainda, articulam essas escalas, dando coerência ao seu “espaço de atuação [...]” (CORRÊA, 2011, p.42).

Já Milton Santos (1994) afirma que o “espaço geográfico” é sinônimo de território e deve ser compreendido como um intermédio entre o mundo e a sociedade nacional e local.

Deve ser acentuado que o Espaço tem características essenciais e essas permitem que ele possua a denominação adequada para se transformar em um território. E essas são: O limite pode ser entendido como a expressão do poder de um indivíduo. A outra adjetivação importante é a fronteira, denominada como atributo necessário para que cada grupo compreenda o limite do seu território e a possibilidade de transgredir essa demarcação. Até onde podem ir sem invadir o território alheio, ou seja, onde o indivíduo pode ir e onde não pode. E um poder central, em que apoiado por outros integrantes sociais, exercem assim a função de decidir e defender os direitos dos ocupantes do grupo em que lidera.

Assim como espaço e território a categoria lugar tem sido alvo de diversas interpretações ao longo do tempo. Pode ser citado duas vertentes para denominação do lugar: a corrente humanista e a dialética marxista. Na corrente humanista o lugar é estabelecido por uma valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Pode ser citado um trecho do texto de Adriana Filgueira Leite:

Para os seguidores da corrente humanística, o lugar é principalmente um produto da experiência humana: “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH apud

Como pode ser observado nas palavras de Relph, o lugar exprime um sentimento de pertencimento, ou seja, que atribui àquele determinado espaço uma relação de intimidade. Na escola isso pode ser verificado em alguns locais específicos, que geralmente são distantes dos olhares dos professores e coordenadores, exemplo os locais onde os alunos matam aula.

2.2 A categoria de análise Lugar

A categoria de análise lugar, conforme destacado anteriormente, é um dos conceitos tratados pela Geografia, juntamente com território e são englobadas pelo objeto espaço, pois se tratam de conceitos que fazem análises da produção humana modelando o espaço, em diferentes escalas.

Antes de trazer o conceito atual que define a categoria lugar, em um primeiro momento, a Geografia Clássica positivista referenciava o lugar apenas como localização e posição baseada nas coordenadas geográficas, ou seja, o ponto cartesiano da cartografia que delimita as fronteiras. Isto contribuiu para que o lugar e o espaço geográfico fossem confundidos em suas conceituações conforme aponta (SUERTEGARAY apud COSTA; ROCHA, 2010, p. 33). Atualmente temos a herança deste conceito tratado pelos positivistas e como exemplo, no Dicionário Priberam temos as seguintes definições para lugar: 1 Espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo. 2. Ponto (em que está alguém). 3. Localidade.

O conceito de lugar passa então a ser mais do que simplesmente uma localização cartesiana no espaço, ele é o resultado da experiência humana, do envolvimento e do sentimento que criam as raízes com o lugar. A cultura, a história e o pertencimento são elementos essenciais e demonstram as ligações que cada pessoa tem com o lugar, pois só com o tempo e com elementos culturais marcantes é que se solidifica o afeto e a relação de identidade por um determinado espaço.. O ato de pensar o lugar enquanto a subjetividade do homem no espaço nos implica em pensar que o lugar só existe pelo significado que lhe é dado pelos signos gerados pelos sentimentos humanos, e a existência do homem só se realiza através das apropriações e usos dos

lugares. Sendo assim lugar e homem são elementos indissociáveis, um não existe sem o outro. Carlos (2007) também afirma que:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisada pela *tríade habitante identidade lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007.p 17, 18)

Neste sentido, por ser apropriada pelo corpo e conseqüentemente vivenciada pelos sentidos, Carlos (2007) exemplifica como lugares o bairro, a rua, a praça e nunca poderia ser a metrópole devido a sua grande dimensão, que faz com que ela seja vivenciada apenas parcialmente. Isso não quer dizer que o lugar não seja encontrado na metrópole, mas sim em porções menores como o bairro e a rua, entre outros. Este vivenciar é realizado em ações do dia-a-dia, como ir às compras, uma caminhada pela rua e nos encontros da praça.

Ao referenciar todas estas teorias sobre lugar, temos o pontapé inicial para identificar a escola, nosso recorte espacial de análise neste trabalho, como um nítido exemplo de lugar, e de um espaço que abriga lugares, onde além da aula e do conhecimento que é passado aos alunos, o lazer e a vivência com outros colegas, as possibilidades de conversas, brincadeiras e ações coletivas contribuem para a identificação e surgimento do sentimento de pertencimento. A memória é construída nos tempos de vivências escolares e ajuda a provocar o sentimento de familiaridade do lar. O corpo e os sentidos estão em contato com cada espaço escolar de acordo com cada impressão e experiências vivenciadas. A brincadeira de pega-pega, a primeira namorada ou o primeiro namorado, o campeonato de futebol vencido, são uma das inúmeras possibilidades de experiências que contribuem para as boas lembranças e o sentimento de afeto por cada canto da escola. Assim como o afeto, a escola também pode ser um espaço de estranhamento mediante as experiências

frustrantes, como uma briga, o *bullying*⁶ entre outros, levando o sujeito a criar fobias e signos negativos. Quanto ao não lugar, temos espaços nas escolas como os corredores, destinados aos fluxos de pessoas, a passagem ao transitório e conseqüentemente a não identidade, da não interação e do solitário, cujo objetivo seria somente a passagem a um próximo nível.

3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO ESCOLARES

A escola é um espaço institucionalizado com função de ser lócus de aprendizagem. Entretanto, tal instituição não é um todo homogêneo. Possui dependências especializadas, cada qual com sua devida função.

Analisa-se agora, separadamente, a produção do pátio da escola de acordo com os seus usos no cotidiano, levando em consideração que tais usos podem não corresponder com a função delegada a cada uma dessas dependências.

Pensar o pátio da escola é refletir sobre um espaço da possibilidade, da transformação e do diálogo. Os alunos por excelência são os agentes produtores desse espaço, são eles que vão apropriar, transformar os usos e as funções a partir de suas relações sociais. Este espaço é dinâmico devido as grandes possibilidades de usos que os alunos podem desenvolver no pátio e os horários para esses usos, no recreio é costumeiro acontecer brincadeiras como pega-pega, futebol, tapão de figurinhas, jogos de cartas, conversas e namoros, em outros momentos o pátio está vazio e sua função é de ser o grande vazio entre os prédios da escola.

Existe também uma reversão de valores em determinadas horas, teoricamente o pátio é um lugar no qual os alunos iram se acomodar antes do início das aulas e durante os intervalos. No entanto não se é especificado que os mesmo somente utilizem esse local durante o momento de descanso, por isso os lugares que circundam o pátio como corredores, escadas e ate mesmo a cantina recebem o mesmo uso que é pormenorizado pelo pátio.

É na hora do recreio que os alunos vão se interagir livremente, segundo

⁶Conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidação física ou psicológica exercido de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável.

afinidades, as semelhanças que os unem iram justificar o agrupamento e espacialização dos mesmos nos pátios das escola. Segundo Tuan, o espaço aberto significa liberdade, promessa de aventura, luz, domínio publico, beleza formal e imutável (TUAN, 1980, p. 31) dessa forma é nesse espaço que se os alunos irão agir com a naturalidade e a liberdade que tanto desdenham visto que nesse local não existem “regras” nem domínio, o momento que eles extrapolam entre si.

No pátio os espaços devem ser flexíveis para proporcionar múltiplos acontecimentos, na escola é comum que os espaços apresentem seus usos determinados e os alunos tentarão superar essa determinação atribuindo novos significados e usos aos espaços, e é na hora do intervalo (recreio) que se da essa quebra do determinismo, que segundo Santos (1994, p.109) “anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida”, o objeto se torna um fator imprescindível, para a interação ou não entre as pessoas. No pátio durante a interação dos alunos pode-se visualizar os usos não institucionalizados, no qual chamamos de territorialidade, mesmo que seja de forma momentânea e temporal, pois não existe a mesma hierarquia imposta nas salas de aula, de certa forma eles se sentem livres de obrigações rotineiras, assim eles irão liberar parte da energia acumulada neste curto espaço de tempo.

4 O PÁTIO DA ESCOLA ESTADUAL CAMILA PONTES

O pátio da Escola Estadual Camila Pontes se apresenta, quanto suas características físicas, como um lugar amplo, sua pavimentação é de concreto, abriga um pequeno jardim, que fica no seu lado esquerdo e uma pequena área coberta. Há uma escada no centro do pátio, que o divide em dois ambientes, no lado esquerdo é o lugar onde fica a entrada dos professores e dos alunos porem em portões distintos, portanto é um local que serve também de passagem, o lado direito não tem essa característica, é um local mais isolado. Pode-se dizer que o pátio, quanto suas características físicas, pode ser caracterizado com uma “mera” paisagem, ele se torna um espaço quando é reproduzido pelos alunos. De acordo com Santos, (2009):

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima. A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais- concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. (SANTOS, 2009, p.103).

Existem muitas territorialidades que podem ser chamadas de grandes territorialidades que devem ser analisadas no espaço escolar, trata-se de dos diferentes usos verificados em diferentes turnos, da chegada dos professores e colaboradores e funcionários da escola de diferentes seguimentos. No turno da manhã tem alunos com faixa etária entre 7 e 14 anos, que participam tanto das aulas de ensino médio quanto do projeto, cujo nome é escola em tempo integral, com objetivo da permanência maior do aluno na escola com atividades extracurriculares e interdisciplinares. Alguns alunos do projeto chegam na escola mais cedo, mais só é permitida a entrada dos mesmos as 8hs, ficando estes no pátio durante esse período, fazendo diferentes usos do mesmo, portanto utiliza-se o pátio para brincadeiras, paqueras e socialização.

O pátio é o ponto comum pra eles se encontrarem realizarem atividades mais condizentes com suas faixas etárias. No turno da tarde observa-se uma dinâmica bastante parecida com a da manhã por conter alunos de mesma idade, há um movimento grande no pátio na chegada dos alunos na escola até a entrada dos mesmos em sala de aula, o mesmo movimento só pode ser verificado no horário do intervalo, ou seja, recreio, pois de acordo com as normas da escola eles só podem ficar fora de sala nesse período. Como diz Santos, 2009:

Tais normas são estruturadoras da realidade, no sentido proposto por F. Tinland (1994, p.27), a ordem significando interdependência entre elementos que se condicionam mutuamente e cujas interações fazem surgir novas modalidades de relações com as quais inscrevem os seus próprios ritmos de mudanças no movimento do mundo. O território como um todo se torna um dado dessa

harmonia forçada entre lugares e agentes nele instalados. (SANTOS, 2009, p.231).

O turno noturno além de contar com alunos dentro da faixa etária regular no ensino médio, conta também com alunos do EJA, que apresentam uma defasagem no ensino, e há também alunos que passam para noite por motivo de trabalho, muitas vezes migrando do turno da manhã, no entanto a dinâmica evidente é de interação entre grupos com distintas realidades. Os grupos com diferentes faixas etárias não se interagem totalmente, isso pode ser evidente principalmente no pátio, além de ser claro nas salas de aulas.

Figura 1. Representação do intervalo/recreio



Fonte: ROCHA, 2013

Geralmente nos turnos da manhã e da tarde o recreio é o momento em que todos os alunos saem da sala para se interagir, já no turno da noite observa-se um grupo de alunos, normalmente mais velhos, continuam dentro das salas de aulas fazendo as atividades ou leituras. Santos, 2009 diz que:

A totalidade também é pensada como existência e essa totalidade é seletiva e apenas algumas de suas possibilidades se tornam realidade. Os impactos do todo se distribuem ordenadamente no espaço por meio de suas partes e produzem “combinações específicas em que as variáveis do todo se encontram de forma particular”. O que significa dizer que o todo se manifesta de maneira diferenciada para cada lugar. (SANTOS, 2009, p.100).

A questão dos diferentes usos pode ser observada na chegada dos professores, funcionários e alunos, pois os mesmos têm entradas diferenciadas, onde o aluno só tem acesso quando autorizado. O portão que se localiza no meio do pátio é de entrada exclusiva dos alunos, já a entrada dos professores também é utilizada: como estacionamento, entrada para pais de alunos, mercadorias, merendas e funcionários da escola.

Na parede da escada que divide o pátio e dá acesso ao segundo andar da escola tem uma expressão, é uma pintura, escrito “Escola comunidade ativa abrindo espaço” que traz a ideia de lugar do encontro, da abertura daquele espaço para os alunos e a comunidade. No lugar é que se realiza o cotidiano, é que se vive. De acordo com Carlos (2007, p.14) “O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo”. Sobre a relação da sociedade nesse espaço, e dos próprios alunos que trazem consigo reflexos da sociedade, Carlos, 2007 contribui dizendo:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Esse plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007, p.17).

Como já dito o pátio da escola é um espaço com funcionalidades diferentes de acordo com o tempo e o grupo que os frequenta, no turno da manhã e tarde são alunos mais jovens de ensinos médio e fundamental, a noite tem também alunos mais velhos que são da EJA (educação para jovens e adultos) o que transforma totalmente a dinâmica de interação desse mesmo espaço.

A paisagem do pátio, é o conjunto de objetos reais e concretos, unem objetos concretizados no passado e no presente, assim que ocorre a integração da paisagem com os alunos nesse pátio ele se transforma no espaço. A integração entre alunos e paisagem se torna espaço, o local da

reprodução de diferentes grupos com diversas funções. Por essa integração que se pode concordar com (SANTOS, 2009, p. 103) “por isso, esses objetos não mudam de lugar, mais mudam de função, isto é de significação, de valor sistêmico”.

A função do pátio é institucionalizada, e pode se alterar ao longo do tempo, os alunos entendem aquele local como local de socialização, aonde eles vão se encontrar, conversar, brincar, se excluírem dos demais grupos, é o lugar onde acontecem as comemorações, é o espaço do lazer. Ao mesmo tempo em que esse espaço transmite a ideia de permissão ele também é permanente monitorado, vigiado pelo comando da escola. O encontro, a espontaneidade não substituem as brincadeiras de rua que as crianças por vezes desenvolveram em outros momentos da vida. Quanto a isso diz Santos (2009):

As duas categorias objeto e ação, materialidade e evento, devem ser tratadas unitariamente. Os eventos, as ações não se geografizam indiferentemente. Há, em cada momento, uma relação entre valor da ação e o valor do lugar onde ela se realiza; sem isso, todos os lugares teriam o mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história. (SANTOS, 2009, p.86).

Embora seja um espaço “monitorado” onde as ações são realizadas de acordo com as permissões, ainda é o lugar preferencial da maioria dos alunos, que inclusive questionam o tempo que possuem para se socializar:

“O recreio deveria ter um tempo de pelo menos trinta minutos, para que se pudesse merendar e conversar com os amigos” diz: Natali, 8º ano, tarde.

“O recreio é o único momento em que podemos falar o que pensamos, sem ninguém pra mandar na gente” diz: Rafael, 8º ano, tarde.

“Como tem muitos repetentes, as turmas se interagem com todos, no pátio, no recreio.” Diz Pedro Henrique, 8º ano, tarde.

A escola ao mesmo tempo em que é um espaço de socialização se torna também um espaço de alienação, uma vez que os alunos não são livres para

realizar suas vontades, para que se tenha a liberdade de sua expressão, os usos são restritos, embora muitas vezes eles nem percebam essa restrição. Os usos acontecem de acordos com a normatização, o espaço em que eles vivem se torna um espaço contraditório. Santos, 2009 afirma essa questão do espaço contraditório: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mais como o quadro único no qual a história se dá”. (SANTOS, 2009, p.63).

O pátio escolar pode ser considerado um local com função primária, tanto quanto a sala de aula, pois é um espaço de extrema importância no cotidiano dos alunos. É o lugar do convívio informal, lugar aonde eles podem ser eles mesmos sem cobranças, onde eles se dispersam, onde eles convivem com as diferenças, onde eles se relacionam, ou seja, é de extrema importância para o desenvolvimento psicossocial do aluno. No pátio pode se utilizar de práticas que se configuram como recursos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. É o lugar onde diferentes culturas circulam de forma livre, isso é importante para se aprender a conviver em sociedade.

Até o determinado momento se fala em espaço de socialização pelos alunos, mais em comemorações da escola, encontra se um lugar de socialização entre alunos, professores, colaboradores e pais ou familiares, então o pátio se caracteriza como um espaço acolhedor e convidativo onde pode se estabelecer um “ponto de encontro” múltiplo.

Figura 2 - Intervalo/Recreio em uma escola de Ensino Médio



Fonte: **GOMES apud PARANÁ, 2012**

Existe no pátio a circularidade do poder, que permite a ele, tanto quanto a outros espaços escolares, alternâncias nas relações de poder e na afirmação de diferentes traços. Isso se explica pelo fato de que alguma criança ou adolescente pode definir alguns usos dentro desse mesmo espaço, por exemplo, quem senta todos os dias debaixo da parte coberta do pátio da Escola Estadual Camila Pontes é um grupo que estuda na sala em frente à mesma, sendo inadmissível a ocupação desse espaço por outro grupo, pois este já está demarcado. Como diz Raffestin, 1993 “o poder não é uma categoria espacial nem uma categoria temporal, mas está presente em toda produção que se apoia no espaço e no tempo”. (RAFFESTIN apud SILVA, 2010, p.37).

Não existe no pátio uma relação entre professores e alunos, existe um acordo de conduto, estabelecido mentalmente, lhes dando certa “liberdade” no pátio escolar. E é garantido mediante o discurso de que é necessário ao organismo infantil e do adolescente distrair a mente daquilo que se considera atividade escolar obrigatória, então se insere aqui a discussão do espaço vigiado novamente, pois no momento que os alunos estão no pátio eles não têm plena liberdade, pois são vigiados pelos colaboradores da escola, o que se opõe a ideia de que estão se dispersando das atividades obrigatórias. Sobre esse espaço Raffestin, 1993, diz:

Há desse modo, um espaço visível e um espaço abstrato,

simbólico, ligado às ações e às relações que se inscrevem como território o território então, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a 'prisão' original, o território é a 'prisão' que os homens constroem pra si. (RAFFESTIN apud SILVA, 2010, p. 44).

Concordando com a ideia do autor o pátio da escola é considerado como um “primeiro espaço” que é o espaço visto e formado pela expressão, há outro espaço, que ele chama de espaço em seu conteúdo, aquele que tem seu significado dado pelos atores sociais, que são os alunos. O pátio é o território, e nele ocorrem diversas relações, pois pode-se perceber pequenos grupos utilizando esse espaço de modo diferenciado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber através dessa pesquisa que a escola possui diversos grupos que utilizam o espaço, grupos com costumes e pontos de vista em comum ou divergentes formando então territorialidades, podendo ser elas cíclicas ou móveis, onde, a produção do espaço extrapola sua função institucionalizada. As relações sociais que se estabelecem no espaço e as correlações de forças entre indivíduos ou grupos podem ser analisadas por diversas categorias de análises geográficas que se dialogam e se complementam, possibilitando assim uma análise a nível local ou global.

Através do trabalho de campo foi analisado o ambiente escolar e a ação dos sujeitos que o compõe. Observou-se que esse espaço é de suma importância para a vivência e aprendizado dos alunos. O recreio, embora seja um momento pedagógico, é um momento do encontro, onde os alunos se sentem “livres” por não estarem em sala de aula, eles acabam por construir uma imagem da sala que os remete a um local de privações, a um local do conteudismo.

O pátio como dito na pesquisa é um espaço institucionalizado, pois, existe uma norma de conduta e de uso estabelecida pela escola, porém essa norma é adaptada pelos discentes, pois os mesmos estabelecem diferentes relações nesse espaço, mesmo tendo que sigam parcialmente as normas estabelecidas.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes locais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPÓSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.p.41-51.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: Conceitos e Paradigmas – Apontamentos Preliminares**. Rev. GEOMAE Campo Mourão, PR v.1 n.2, p.25 – 56, 2º Sem 2010. ISSN 2178-3306. Disponível em: http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia_conceitos_e_paradigmas_fabio_costa_marcio_rocha.pdf. Acesso em: 08 dez. 2014.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA ONLINE. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/lugar>. Acesso em: 08 dez. 2014.

LEITE, Adriana Figueira. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências** – UFRJ, Rio de Janeiro, v. 21, 1998.

PARANÁ. Governo do Estado. Secretaria da Educação. Diretores assumem escolas estaduais. 02 jan. 2012. Disponível em <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3244>> Acesso: 21 maio 2014

MARQUES, Ana Cesaltina Barbosa. **A praça Portugal como espaço, território ou lugar: buscando marcadores teóricos numa pesquisa de caráter etnográfico**. 2011, p.7 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2332-1.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2014.

ROCHA, Ademir. Disponível em: <<http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2013/04/parabens-escola-sao-francisco-xavier.html>> Acesso: 21 maio 2014

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2009. p.63-103.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 64.

SANTOS, Milton. Espaço e método. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1985. (Espaços)

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. ed. São Paulo:

Hucitec, 1994.

SILVA, Márcia da. A rede social como metodologia e como categoria investigativa: possibilidades para o estudo dos “territórios conservadores de poder”. In: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinos da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Org.). **Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010: p. 44-49.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cezar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Geografia: Conceitos e Temas**. Ed Bertrand, 8ª Edição Rio de Janeiro, Brasil, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.